



## “Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

**Eixo temático:** Serviço Social: Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional

**Sub-eixo:** Fundamentos do Serviço Social

### SERVIÇO SOCIAL E OS SABERES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: Aprendizados com o MST e os Movimentos de Mulheres.

ERLENIA SOBRAL DO VALE <sup>1</sup>  
GABRIELLY VIANA SOUZA <sup>2</sup>  
LUIZ ANDRÉ BARROSO MOREIRA <sup>2</sup>  
NATANAEL NOGUEIRA DO NASCIMENTO <sup>2</sup>  
SORAYA SANTOS SOUSA CALADO <sup>2</sup>

#### RESUMO

Este artigo apresenta alguns aspectos descritivos e as primeiras aproximações analíticas da pesquisa sobre as contribuições dos saberes dos movimentos sociais para o trabalho e instrumentalidade do Serviço Social. Os materiais coletados junto ao MST e movimento de mulheres em Fortaleza resultam de pesquisa de Iniciação Científica realizada na Universidade Estadual do Ceará.

Palavras-chave: Serviço Social; Instrumentalidade; Movimentos Sociais

#### ABSTRACT

This article presents some descriptive aspects and the first analytical approximations of the research on the contributions of social movements' knowledge to the work and instrumentality of Social Work. The materials collected

---

1 Professor com formação em Serviço Social. Universidade Estadual Do Ceará

2 Estudante de Graduação. Universidade Estadual Do Ceará

from the MST and the women's movement in Fortaleza result from Scientific Initiation research carried out at the State University of Ceará.

Keywords: Social Work; Instrumentality; Social movements

## 1. INTRODUÇÃO

No ano de 2013, deu-se início ao Grupo de Pesquisa “Trabalho e Instrumentalidade do Serviço Social” no laboratório Cetros (Centro de Estudos Trabalho e Ontologia do Ser Social) apoiada pela Iniciação Científica da Universidade Estadual do Ceará. Este processo resultou em duas coletâneas de textos: *Trabalho e Instrumentalidade do Serviço Social (2018)* e *Instrumentos e Técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada (2020)*, ainda um terceiro está em confecção com lançamento previsto para o final deste corrente ano; todas as produções articuladas em parceria com

assistentes sociais de diversos espaços sócio-ocupacionais e todas publicadas pela editora da UECE (Eduece). De 2020 em diante iniciamos a pesquisa “Trabalho e Instrumentalidade do Serviço Social e a Articulação com os Saberes dos Movimentos Sociais”, tendo como um de seus frutos a produção deste artigo.

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos da pesquisa realizamos entrevistas junto as lideranças dos referidos movimentos sociais, apontando questões que trouxessem aspectos relevantes da dinâmica de organização e formação dos/as militantes, no Movimento dos Sem Terra foi perguntado: o contexto histórico de sua criação; objetivos centrais do movimento; formas de organização, estruturação, dinâmica e mobilização; contribuições para o Serviço Social; sobre a dimensão político-pedagógica do grupo e da população; sobre as atividades de convivência coletiva; ações do movimento no contexto político contemporâneo; aspectos econômicos.

Ao Movimento de Mulheres foi arguido: os aspectos do movimento feminista a serem destacados; características e organização coletiva do movimento; atividades realizadas e frequentadas; aprendizados e contribuição do movimento feminista para a luta da classe trabalhadora; os instrumentos e técnicas para a mobilização de mulheres; legado da organização do movimento feminista para a atuação dos/as assistentes sociais junto à população.

Todos/as estavam cientes dos objetivos da pesquisa, houve anuência de suas organizações, informados e assegurados do anonimato, assinaram termo livre e consentido para participarem das entrevistas que foram híbridas, ocorrendo interações presenciais e ainda pela plataforma do *google Meet* no período pandêmico.

O presente artigo tem o intuito de promover a identificação de algumas semelhanças e diferenças dos principais instrumentos e técnicas utilizadas tanto pelo MST e os movimentos de mulheres de Fortaleza no intuito organizativo de seus militantes. Atentando sempre para a ressalva das diferenças entre prática militante e trabalho profissional a pesquisa busca identificar as contribuições destes movimentos sociais para a dimensão pedagógica e política do exercício profissional do/a assistente social. No presente artigo exploramos parte do material, apontando

ainda algumas reflexões iniciais.

## **2. BREVE RETOMADA DOS ASPECTOS HISTÓRICOS DA RELAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS.**

É interessante de início colocarmos que o Serviço Social como afirma (GONÇALVES; ALAGOANO, 2017), está entre as profissões gestadas a partir das demandas apresentadas pela classe dominante, a fim de garantir a extensão de suas formas de dominação, tendo como atuação principal o controle da classe trabalhadora. No seu processo histórico de renovação alterou a direção ético política com arrimo em várias determinações sociais da realidade brasileira.

Entendendo os limites deste artigo não nos parece viável a realização de uma extensa análise história, vamos pensar, mesmo que brevemente, a partir do início da década de 1960, a existência de amplas movimentações em resposta ao cenário de ditadura militar existente no Brasil do ano de 1961 e 1964, tendo movimentos sociais e movimentos de luta pela reforma agrária quanto sindicatos urbanos e do campo. (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2011)

No período que envolve o fim da década de 1970 e 1980 houve no Brasil conjuntos de mobilizações reivindicando uma série de direitos dos mais diversos, esses atos foram puxados por movimentos sociais e outras organizações da sociedade civil tendo como foco a criação de políticas públicas universais, importante destacar que foi nesse período que se consolidou o projeto ético-político hegemônico da profissão. (DURIGUETTO; BAZARELLO, 2015)

A aproximação do Serviço Social com os movimentos sociais com ações entre 1960 e 1970 pode ser entendida como um passo importante para a intenção de uma atuação de viés mais crítico. (GONÇALVES; ALAGOANO, 2017)

A atuação do Serviço Social é esse papel de fortalecer o ser sujeito, organizar politicamente né, participando da luta e principalmente defendendo os seus direitos. Então queremos fortalecer muito a presença do Assistente Social, porque eles ajudam a fortalecer a identidade de lutas por direitos, junto aos municípios, ao

Estado e ao mesmo tempo contribuir no fortalecimento da organização interna das comunidades, nessa questão de ter uma maior inserção da juventude, das mulheres. Então a gente necessita de um Assistente Social que seja comprometido com o projeto da classe trabalhadora camponesa, com o projeto de reforma agrária e de fato é impossível o Assistente Social no MST se ele não tiver presente essa dimensão militante, de construção de um outro projeto histórico de sociedade. (Entrevistada A, abril 2021)

Conforme o trecho da entrevista citado acima, se evidencia a capacidade de fortalecimento da classe trabalhadora para a luta que o Serviço Social possui quando se compromete com uma perspectiva de instrumentalidade mediada; uma instrumentalidade crítica que envolva as três dimensões da profissão, sejam elas teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política. Nesse sentido, Guerra (2014) afirma a instrumentalidade é parte inerente ao Serviço Social, as expressões da questão social apresentadas no cotidiano são interpretadas de forma crítica e com reflexão que viabilize uma intervenção adequada, utilizando-se dos meios e técnicas disponibilizadas para se alcançar o objetivo almejado à priori, mas sem perder de vista o fim último que se pretende alcançar.

A história do Serviço Social está diretamente ligada a história dos movimentos sociais, foi por meio destes que se iniciou a organização do “Congresso da Virada”, de 1979, onde o Serviço Social muda seu rumo e inicia uma reformulação profissional que culminou no momento atual da profissão. Na história, muitas conquistas da profissão se deram no interior ou pelo menos ao lado de importantes movimentos sociais.

Para Yolanda Guerra (2014, p. 26):

A instrumentalidade é a capacidade de articularmos estratégias e táticas mais adequadas (ou não) aos objetivos que pretendemos alcançar. Se no processo de trabalho o ser social aciona determinados níveis de racionalidade e põe em movimento a sua vontade, adequando-a às finalidades, a instrumentalidade do trabalho depende de uma definição da razão e da vontade do sujeito, depende de um processo de conhecimento (o mais aproximado possível da realidade) e da tomada de decisão (a mais adequada em relação aos meios e fins). Se o trabalho é relação homem-natureza, a práxis é o conjunto das formas de objetivação dos homens (incluindo próprio trabalho).

A instrumentalidade do Serviço Social teve diversos significados diferentes no decorrer da história da profissão, ela enquanto parte inerente ao Assistente Social permanece ainda em constante construção. A articulação entre teoria e prática como

parte necessária para intervenção não se dá de forma igualitária para todos os profissionais e por isso a articulação com as dimensões podem gerar intervenções diferentes, mas legítimas por seguirem as direções basilares da profissão. Por isso, as mudanças enfrentadas pela sociedade, nos diferentes contextos históricos nas últimas décadas, são de vasta relevância na construção desta instrumentalidade.

Desde quando entendeu sua funcionalidade ao capital e se rebelou no contexto efervescente de lutas sociais, o Serviço Social passou a buscar outra instrumentalidade. Passou por percepções ingênuas e imediatistas. Reconheceu os limites institucionais, mas também suas potencialidades. Já enveredou pelo entendimento de sua prática mais próxima da educação popular, identificou-se com a dimensão conceitual e técnico-operativa das políticas sociais. Mas o fato é que sua instrumentalidade tem particularidades importantes, pois a questão social como sua matéria de trabalho é plena de expressões e diversidades; ainda que sua origem permaneça na relação capital x trabalho, ela se mostra sempre multifacetada em suas expressões cotidianas. (SILVA; BEZERRA. 2018, p.17)

Diante dos desafios cotidianos do exercício profissional e a instrumentalidade crítica apreender os saberes dos movimentos sociais tem potencial estratégico para reflexão e aprofundamento de nossa prática profissional, comprometida com um projeto ético-político. Vejamos inicialmente o que disse uma das autoras que tomamos como referência para esse texto, indicando a conceituação mais básica do que são movimentos sociais para uma das principais pesquisadoras brasileiras sobre a temática. Para Maria da Glória Gohn (1997), movimentos sociais são:

[...] ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Essa identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo. (1997, p. 171)

Tendo como base a citação acima, constatamos que os movimentos sociais são uma forma de resposta utilizada pela população na busca por distintos objetivos e que por meio da mobilização popular tentam alcançar estes; a história está recheada de exemplos de movimentos sociais importantíssimos para o desenvolvimento das condições sociais da classe trabalhadora e hoje, talvez mais

do que nunca, os movimentos sociais exercem papéis importantíssimos na manutenção da democracia e da defesa de direitos.

### **3. A QUESTÃO SOCIAL NA EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E NO OBJETO DE ESTUDO E INTERVENÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL.**

Na contemporaneidade, o Serviço Social e os diversos movimentos sociais se inserem em um contexto de crise do capital. Dentro deste, tem-se o que se chama de “questão social”, fruto da grande contradição produzida pelo capital: a produção coletiva e a apropriação privada da riqueza social. De fato, como foi dito por Netto (2007, p.142), “[...] desenvolvimento capitalista é, necessária e irredutivelmente, produção exponenciada de riqueza e produção reiterada de pobreza.” Essa questão propiciada pelo sistema capitalista afeta, em grande parte, a classe trabalhadora e se constitui em luta para os movimentos sociais e em objeto de intervenção para o Serviço Social, ambos feitos pela e para essa classe.

O Serviço Social, enquanto profissão regulamentada por lei, possibilita o emprego de profissionais assistentes sociais assalariados e se insere na divisão social do trabalho e no embate com as determinações das estruturas capitalistas. Uma vez que é reconhecido e se reconhece como trabalhador/a, o/a Assistente Social passa a atuar na dinâmica de reprodução do capital e a tomar parte na luta da classe trabalhadora. Como empregado desse sistema ao mesmo tempo que se posiciona contra as barreiras e determinações da questão social, o Serviço Social se vê em “contradição” de exercício, debatida durante o Movimento de Reconceituação da profissão, uma ruptura com o modelo tradicionalista iniciada na década de 1960.

O movimento de reconceituação incidiu no Brasil no projeto pioneiro de formação profissional da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais. Conhecido como método BH, sua formulação e experiência se desenvolveram entre 1972 e 1975. Valeram-se da teoria social de Marx e do materialismo histórico e dialético na compreensão do significado social da profissão, das contradições e antagonismos da sociedade capitalista de exploração da força de trabalho, na

direção de uma nova sociabilidade humana. (ABRAMIDES, 2016, p.460)

Tais contradições e correlações de forças antagônicas no cenário capitalista estimularam a mobilização dos diversos movimentos sociais para a luta a favor da emancipação e conquista de seus direitos. O Serviço Social, a partir de um projeto ético-político comprometido com essa luta e com a superação dos reflexos da questão social na classe trabalhadora, possui na relação com os movimentos sociais adesão e apoio. Como colocado por uma das entrevistadas localizada no Movimentos de mulheres pesquisado:

Vendo a minha experiência de quando adentrei na universidade que eu fui buscar formação política e profissional para além da sala de aula no movimento estudantil e no próprio movimento feminista... isso veio a enriquecer minha formação profissional e também consolidou a direção ético-política das ações que eu imprimo desde quando estou dentro da universidade, passando também pela minha atuação enquanto profissional assistente social<sup>3</sup>. [...] (ENTREVISTADA 02, janeiro de 2022)

Assim, como determinado e assegurado pelo Código de Ética da profissão, no Art.12, item b), na resolução CFESS nº 273, de março de 1993, é direito do/a assistente social o apoio aos diversos movimentos sociais bem como sua participação neles, como referenciado por um dos militantes do MST em sua fala:

[...] então o Serviço Social ele é importante né, pelo seu alinhamento inclusive do código de ética de dizer que a única profissão que diz que o código de ética que tem que estar alinhado aos movimentos sociais na luta por direitos, na luta, então não há assim, né, uma, eu sempre digo, o Serviço Social ele ajuda muito o militante, mas sem dúvida né a militância ajuda muito você ser um grande Assistente Social, [...] (ENTREVISTADO G, abril de 2021)

De fato, o fundamento da profissão estimula esse contato, bem como o defende caracterizando-o como direito, sendo assim garantido a todos/as os/as profissionais da categoria, fazendo-o perpassar pelos diferentes movimentos. Encontrar a atuação dos/as assistentes sociais, como revelado na citação acima é observar que existe uma relação mútua de troca de saberes e vivências necessárias para a formação do profissional e do militante. Seus símiles e suas articulações construídas nessa relação são necessárias para abordar e enfrentar a questão social que se impõe sobre eles no cotidiano social e profissional.

---

<sup>3</sup>A entrevistada em questão também é profissional de Serviço Social.



[...], mas para nós tem sido importante também incluir os Assistentes Sociais, é uma luta do MST essa inclusão dos Assistentes Sociais, porque essa dimensão social, político-organizativa é fundamental. Então a atuação do Serviço Social é esse papel de fortalecer o ser sujeito, organizar politicamente né, participando da luta e principalmente defendendo os seus direitos. Então queremos fortalecer muito a presença do Assistente Social, porque eles ajudam a fortalecer a identidade de lutas por direitos, junto aos municípios, ao Estado e ao mesmo tempo contribuir no fortalecimento da organização interna das comunidades, nessa questão de ter uma maior inserção da juventude, das mulheres. (ENTREVISTADO E, abril de 2021)

Além disso, tendo por base a fala acima e a presença das mulheres nela, também da juventude, contribui para a aproximação do Movimento Sem Terra com os Movimentos de mulheres, que trazem no interior deles a classe trabalhadora feminina. Fala-se, portanto, de uma questão social generalizada, que atinge a classe trabalhadora também em sua condição de ser mulher, de ser negra e de ser, muitas vezes, negligenciada dentro da lógica do capital.

[...] reconhecer que a maioria da classe trabalhadora, né, são mulheres, né, isso aí é em qualquer setor que for, então não tem como a gente falar de classe trabalhadora sem a gente falar de mulheres e principalmente mulheres, né, pobres, mulheres negras, que são a grande maioria, né, metade da população, mais da metade, mais da metade da classe trabalhadora também. [...] (ENTREVISTADA 03, janeiro de 2022)

Estes depoimentos revelam aspectos do cotidiano vivenciado pelos movimentos sociais, mas também pelo Serviço Social no atendimento ao usuário/a. Aprendemos desde a reconceituação a ler o contexto, o macrossocial e suas determinações sobre a vida dos indivíduos, organizados ou não. A experiência política do sujeito coletivo que se organiza constitui saberes com os quais dialogamos. Quanto mais nos aproximarmos destas vivências mais potencializamos os aprendizados com a população.

#### **4. RESULTADOS DA PESQUISA**

Em virtude da pesquisa realizada com lideranças e militantes dos movimentos

sociais, mais especificamente do “MST” e dos “Movimentos de Mulheres”, percebemos entre os instrumentos e técnicas utilizadas, por ambos os movimentos sociais, além das evidentes semelhanças, identificamos similaridade que extrapolam os instrumentos e técnicas e vão ao encontro de interesses que visam a construção de uma nova forma de sociabilidade.

No primeiro momento, percebemos igual preocupação dos movimentos sociais com a dimensão formativa de seus militantes, aspecto que se evidenciou através dos seus processos de organização, dos modelos de formação e dos modos de socialização das demandas. Sendo assim, um dos primeiros aspectos que destacamos, diz respeito à formação política dos militantes e à intrínseca relação existente entre a teoria e a prática no interior desses movimentos sociais, reparemos o que nos disse um dos entrevistados do MST:

O MST defende que nossos conhecimentos não podem e nem deve ficar preso dentro dos muros das universidades, escolas, centro de formação, tem que ter uma relação direta para com a prática, por isso que defendemos e fazemos na prática a pedagogia da alternância, com tempo escola e tempo comunidade, onde teoria e prática se encontram, na chamada práxis. (ENTREVISTADO G, abril de 2021)

A vista disso, é possível perceber a nítida importância prestada pelo MST à formação pedagógica de seus/suas militantes, do mesmo modo, percebemos igual preocupação no interior dos Movimentos de Mulheres quando em entrevista é dito “[...] a gente tem dentro dos nossos núcleos que é de... estudar e agir, unir a teoria à prática, [...] por isso a gente zela muito essa questão do estudo dentro dos núcleos [...]”. (ENTREVISTADA 03, janeiro de 2022)

Com relação à organização dos Movimentos, ficou nítida a importância direcionada à dimensão organizativa, percebemos que cada movimento possui uma forma específica de organização, no entanto, ambos, percebem a necessidade de uma estrutura capaz de organizar os interesses rumo aos objetivos que pretendem alcançar, no MST a organização se dá da seguinte forma:

Lutamos para organizar o povo e depois discutimos o econômico. [...] No que diz respeito à organização política, nós somos um movimento que temos diversos espaços de instâncias, isso é uma forma da gente se organizar politicamente, também nós temos a nossa instância maior, que é o nosso congresso nacional que ocorre em cada 5 anos. Com representações e congregações de todos os estados

do Brasil. A outra instância é a coordenação nacional, cada estado tem no máximo 10 pessoas que representam a coordenação nacional, temos um encontro estadual que ocorre todo final de ano. Em cada estado temos a direção estadual, onde cada estado tem duas pessoas representando e uma coisa que nós precisamos é de respeito a questão de gênero sempre é um homem e uma mulher a nível de estado, além da Coordenação Estadual, aqui no Ceará, nós somos organizados por brigadas. (ENTREVISTADO A, abril de 2021)

No que diz respeito aos movimentos de mulheres, percebemos igual importância destinada a dimensão organizativa, nesse sentido verificamos que apesar dos Movimentos possuírem as suas peculiaridades com relação às formas de organização, ambos possuíam a mesma finalidade ao proporem um modelo de organização, que seria uma maior credibilidade perante a população e a sociedade, o que poderemos constatar através trecho da entrevista destacado abaixo:

O que é diferencial no movimento feminista é que os princípios de constituição do próprio movimento eles vão de encontro a forma como a esquerda mais ortodoxa geralmente se organizava, em hierarquias e tudo mais. Já o movimento feminista preza pela questão da horizontalidade, que eu acho que é uma questão muito importante, embora tenham direções, há uma discussão da base e outro princípio importante é a questão da igualdade, da própria igualdade, de escutar as outras, é um dos princípios da gente do campo feministas, embora cada movimento tenha seus princípios e seus valores, mas existem coisas semelhantes dentro do MF nas organizações que perpassam a toda, em maior ou menor grau, pelo menos estão ali como princípios. (ENTREVISTADA 02, janeiro de 2022)

Dando continuidade à análise dos dados, merece igual destaque a atenção direcionada à organização do MST e dos Movimentos de Mulheres com relação ao planejamento e à periodicidade das ações, percebemos a necessidade dos militantes em promover uma quantidade de eventos de forma que ocorram com uma certa regularidade para, através disso, manterem a “chama da luta” sempre acesa. Consideremos essa parte da entrevista de uma participante do Movimento de Mulheres:

[...] a gente faz toda atividade que a gente fala que é de agitação, agitação política, né, o que a gente deve fazer pra isso a gente faz: Colagem de lambe, agitação com microfone nas praças, tem um jornal que a gente constrói que é o Jornal Verdade, que é um jornal popular, junto a outros movimentos sociais também, então semanalmente ou quinzenalmente tem brigada desses jornais em outras cidades, então a gente vai lá também, leva a nossa militância pra vender esse jornal, pra divulgar nossa linha política, então qualquer atividade que coloque a gente em contato com essas mulheres a gente faz [...] (ENTREVISTADA 03, janeiro de 2022)

Outro aspecto de similaridade percebido, se refere aos materiais e métodos didáticos de formação e divulgação das ações. Constatamos que o MST, assim como o movimento de mulheres, se utiliza de meios tradicionais e atualizados para formação de seus/suas militantes e socialização de suas demandas. Nesse ponto, detectamos que a maioria dos/as entrevistados/as relataram o uso de panfletos, reuniões, ações em locais públicos, jornais, rádio, internet, redes sociais e grupos no *WhatsApp*, como ferramentas utilizadas, seja para angariar novos/as militantes seja para fortalecer o engajamento entre eles/as. Verifiquemos mais um trecho da entrevista de um dos membros do MST:

Hoje a gente tem um cinturão de rádios aqui no Ceará, é que é muito específico falar do Brasil todo né, [...] o povo no interior escuta muito rádio, as próprias redes sociais, a gente tem utilizado né, grupos de *WhatsApp*, hoje a gente tem se reinventado muito assim, a gente utiliza toda as armas que a gente pode pra conversar com as pessoas, pra organizar as pessoas, e tentar né, potencializar o trabalho que a gente já faz [...] (ENTREVISTADO F, abril de 2021)

De acordo com a citação acima, é possível observar que os instrumentos e técnicas comumente utilizadas pelos movimentos sociais pesquisados, costumam ser definidos em função da finalidade e do público que se pretende alcançar e a grande maioria de caráter mobilizador e aglutinador. Nesse sentido, com relação ao MST, Montaño e Duriguetto (2011, p.279) concordam que “É inegável o potencial de confronto do Movimento com o capitalismo, por apresentar propostas de desenvolvimento e práticas de atuação e de organização questionadoras do modelo vigente”.

Vale a pena destacar os aspectos acerca das expressões da questão social presentes nos Movimentos, as quais se manifestam em suas especificidades, mas que atuam na classe trabalhadora como um todo, vejamos como isso se apresenta no interior do MST:

[...] a gente luta contra desigualdade, a gente luta por um coletivo, a gente luta pela organização do povo desde a sua... de desconstruir uma relação de gênero abusiva, de desconstruir uma relação racista, de desconstruir uma relação de violência, de LGBTfobia, então pensar tudo isso do aspecto social é apresentar as pessoas um modo de viver, de ser, de sentir e de expressar no mundo [...] (ENTREVISTADO F, abril 2021)

Do mesmo modo, assim como o MST, os movimentos de mulheres compartilham do mesmo interesse por aspectos que extrapolam o objetivo central dos movimentos, e fazem isso, cientes da existência de um emaranhado de condições, presentes na sociedade capitalista, que possuem a capacidade iminente de potencializar qualquer tipo de exploração, fato que podemos perceber através do trecho da entrevista a seguir:

Pensando a partir da ideia de que a nossa classe trabalhadora, ela não é única, ela não é uniforme, então a gente precisa ter um olhar para as múltiplas expressões da nossa classe [...] essa **sociedade é marcada pelas relações de raça, classe e gênero**<sup>4</sup>, então que é que essas mulheres negras trazem de aprendizado para essa classe trabalhadora? [...] o famoso uni-vos, ele só vai acontecer se a gente pensar nesses vieses [...] (ENTREVISTADA 06, janeiro de 2022)

Visto isso, identifica-se nesses movimentos um conjunto de interesses ligados a uma atuação com vistas a alcançar um novo modelo de sociedade, livre de qualquer tipo de opressão, seja ela étnica, de gênero, sexualidade ou qualquer outra, como reafirmado no Código de Ética do Serviço Social “VIII. Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero”. (CFESS, 2012, p. 24)

Com relação aos integrantes dos movimentos, destacamos a atenção direcionada, no interior dos Movimentos, aos aspectos subjetivos de seus componentes, percebemos que além dos interesses coletivos, os interesses humanos e pessoais eram valorizados com o intuito de produzir um “bem-estar” geral que funcionaria tanto como ferramenta de engajamento quanto como força motriz para a luta.

Eu diria que a militância ela dá essa confiança, esse apoio coletivo, tanto dentro de casa quanto fora de casa, além disso faz com que essas mulheres também possam dar apoio a outras mulheres e contar com esses homens e mulheres militantes, né, dos partidos, dos movimentos, enfim[...] (ENTREVISTADA 04, janeiro de 2022)

E por último, mas não menos importante, destacamos o aspecto da luta por uma nova forma de sociabilidade através da emancipação humana, pois assim como

---

<sup>4</sup>Negrito feito pelos/as autores/as.

afirmam Montaño e Duriguetto (2011, p. 234), “ao associar o componente sindical ao caráter político do Movimento, salienta que a luta pela terra não se restringe ao caráter político do Movimento [...], mas envolve uma luta que aglutina interesses particulares, corporativos, com os interesses de classe”.

Para além disso, identificamos aspectos de conformidade entre os Movimentos à respeito do estudo dos aspectos históricos e análise de conjuntura, vejamos o que diz o entrevistado do MST:

então a gente tem análise de conjuntura em todas as nossas atividades, a grande maioria das pessoas vão conhecer a palavra, o termo análise de conjuntura, nas atividades do MST, é uma coisa de lei, tá lá dentro dos nosso valores e princípios, analisar a correlação de forças, analisar a conjuntura política, a movimentação das classes, como tá se comportando o povo hoje, como tá se comportando a burguesia hoje, enfim o imperialismo ou seja o nome que a gente queira caracterizar a classe dominante e isso é um instrumento que a gente utiliza sem pena mesmo, de fazer análise de conjuntura e de poder incidi nessa conjuntura pra tentar alterar a correlação de força (ENTREVISTADA G outubro de 2020)

Apesar da diversidade de métodos e ferramentas utilizadas pelos Movimentos, o interessante é constatar que tais instrumentos e técnicas estão diretamente vinculados tanto ao processo pedagógico dos Movimentos quanto aos objetivos que se pretende alcançar ao utilizá-los, pois como afirma Guerra (2017, p.53) ao se referir à dimensão técnica-operativa do Serviço Social, compreendemos que:

A definição sobre o que e como fazer tem que ser articulada ao porquê fazer (significado social do profissional e sua funcionalidade ou não ao padrão dominante), ao para que fazer (indicando as finalidades/ teleologia do sujeito profissional) e ao com o que fazer (com que meios, recursos e através de que mediações ou sistema(s) de mediações). (GUERRA, 2017, p.53)

Identificamos portanto, que a motivação e o impulso para a luta no interior dos movimentos sociais pesquisados extrapolam as suas principais pautas, sem menosprezá-las, depositando nelas a devida atenção, cientes de que as reais e efetivas mudanças somente ocorrerão através da tomada de consciência sobre a necessidade do compromisso coletivo com a luta por uma nova forma de sociabilidade.

Dado o exposto, conseguimos identificar, através dos relatos das lideranças,

além das nítidas semelhanças entre os instrumentos e técnicas utilizados tanto pelo MST quanto pelos Movimentos de Mulheres, também aspectos de similaridade existente entre os princípios norteadores de cada Movimento. Princípios tais como, o respeito, a defesa de direitos das minorias políticas, a defesa pelos direitos humanos e a luta por uma nova forma de sociabilidade.

Dentre os aspectos de correspondentes, presentes tanto no MST quanto nos Movimentos de Mulheres, um dos que mereceram destaque se refere à relação entre a teoria e a prática, uma vez que em ambos os Movimentos, seja no MST ou seja nos Movimentos de Mulheres, constatamos o diálogo constante com a teoria na busca por respostas para as demandas práticas.

Do mesmo modo, mereceu destaque aspectos de similitude com relação à análise histórica e de conjuntura, bem como a utilização, em ambos Movimentos, de ferramentas tradicionais e atuais de comunicação e de mobilização, como é o caso dos grupos de estudos, panfletagem e rodas de conversas, bem como, reuniões remotas e redes sociais; e à “interseccionalidade “que trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres...” (CRENSHAW, 2002, p.177); e ao destaque dado aos aspectos da luta coletiva sem perder de vistas os aspectos subjetivos dos militantes.

Além de todos esses entendimentos mencionados, nos chamou à atenção durante a pesquisa, tanto analisando dados do MST quanto os dados coletados no Movimentos de Mulheres, a aspiração de uma estreita aproximação dos Movimentos com o Serviço Social.

[...] esse já é um contato importantíssimo, esse contato do Serviço Social com os movimentos sociais e eu diria que atualmente esse contato, então, permanece sendo importante pelo mesmo motivo, né, pra que o Serviço Social mantenha suas bases ligadas a classe trabalhadora. (ENTREVISTADA 04, janeiro de 2022)

Do mesmo modo, o MST destaca a importância da vinculação dos assistentes sociais com os movimentos sociais:

O MST tem discutido que não basta termos apenas bons militantes, é necessário que tenhamos bons profissionais. Por isso temos feito um esforço para que nossa militância possa fazer cursos para cada vez aperfeiçoar os conhecimentos técnicos que devem sempre serem vinculados aos conhecimentos políticos defendidos por nossa organização. Nesse processo o/a assistente social tem um papel fundamental no MST, assim como outras áreas de atuação profissional, o MST inclusive criou no Brasil em parcerias com algumas universidades dentre elas: Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Estadual do Ceará, um curso superior exclusivo para assentados e acampados da reforma agrária na área de Assistente Social. (ENTREVISTADO F, abril de 2021)

Levantamos aqui alguns elementos que expõem a forma de organização que se fundamenta na formação teórica e prática do militante, na comunicação com vistas a agitação e mobilização, o uso de instrumentos tradicionais e hodiernos em que a preocupação é aglutinar com qualidade, fomentar o pertencimento, etc. São saberes que além de próximos, mesmo que tenham dinâmicas próprias, indicam que as organizações da classe operam no sentido ideológico da luta de classes. Daí deriva contribuição para o exercício profissional do assistente social que tem um horizonte emancipatório e aliança com projeto societário alternativo. É exatamente na formação política com o uso de diferentes instrumentos e técnicas pedagógicas de reflexão e ação.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa em curso ainda tem longo caminho a percorrer no sentido da compreensão mais aprofundada de seus dados capturados dos saberes cotidianos dos movimentos sociais, expressos nas falas de suas lideranças. A identificação de semelhanças entre os dois movimentos pesquisados se evidencia nas expressões da formação do militante. Sem dúvida a aproximação do Serviço Social com os movimentos tem um sentido de potencializar o trabalho e os tensionamentos necessários com as instituições e políticas sociais, mas também de nos adensarmos de saberes pedagógicos e políticos da formação dos indivíduos.

O reconhecimento destes saberes vem ao encontro da identificação da composição social do nosso usuário, oriundo da classe trabalhadora.



## 6. REFERÊNCIAS

ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa. 80 anos de Serviço Social no Brasil: organização política e direção social da profissão no processo de ruptura com o conservadorismo. **Serviço Social & Sociedade**, [S.L.], n. 127, p. 456-475, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.080>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CISNE, Miria; SANTOS, Silvana M. de Moraes dos. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

**Código de Ética do Assistente Social comentado**. Organização do Cfess. São Paulo: Cortez, 2012. BRASIL.

CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 30 ago. 2022.

DURIGUETTO, Maria Lúcia; BAZARELLO, Raphael Dutra. **Movimentos Sociais e Serviço Social: termos do debate**. Temporalis, Brasília (DF), ano 15, n. 29, jan./jun. 2015.

GOHN, M. G. M. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GUERRA, Yolanda. **A Instrumentalidade do Serviço Social**. 10. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

\_\_\_\_\_, Yolanda. **A dimensão técnico-operativa do exercício profissional**. In: SANTOS, Cláudia Mônica dos; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda. (Orgs). **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

LOPES, Cíntia Fonseca; CRUZ, Erivânia Bernardino (org.). **VADE MECUM DO SERVIÇO SOCIAL**. 12. ed. Fortaleza: Socialis, 2022. 468 p.

MACIEL, Lucas de Oliveira. **A interseccionalidade de Carla Akotirene e o Marxismo**: apontamentos a partir de Marx, Lukács e Chasin. In: **Práxis Comunal**. Belo Horizonte: Vol. 2, N. 1, 2019, pp. 125-150.

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO. **Estado, Classe e Movimento Social**. São Paulo: Cortez editora, 2011.

NETTO, J. P. A Construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 1. Brasília: CEAD/ABEPSS/CFESS, 1999. Disponível: [https://ssrede.pro.br/wp-content/uploads/2017/07/projeto\\_etico\\_politico-j-p-netto\\_.pdf](https://ssrede.pro.br/wp-content/uploads/2017/07/projeto_etico_politico-j-p-netto_.pdf). Acesso: 26 de ago. 2022.

\_\_\_\_\_, José Paulo. Desigualdade, pobreza e serviço social. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, n. 19, p. 135-170, 2007. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/download/190/213>. Acesso: 30 de ago. 2022.

SILVA, Samuel Germano Moreira; BEZERRA, Leila Maria Passos de Souza. **Dimensão técnico-operativa da instrumentalidade na formação profissional em Serviço Social**: esboços de uma interpretação crítica do ensino da prática. In: VALE, Erlenia Sobral do; SOUSA, Raquel Brito de; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). **Trabalho e Instrumentalidade do Serviço Social**. Fortaleza: Ed. UECE, 2018.

p. 27-54.

,